TESTEMUNHAS DA RESSURREIÇÃO

Carlo Roberti

Dia tenso de muita escuridão
O cansaço venceu.
Prisioneiro de muita tristeza
sonhei com o Sol
E a luz apareceu
pelas frestas do meu barraco.

A Ressurreição parece um tema tão alienado, fora da nossa experiência cotidiana, que nos é difícil crer e anunciar. Há teólogos e exegetas que advertem esse constrangimento e – pedagogicamente, se entende! – se perguntam: *Faut-il encore parler de résurrection?* (Boismard, M., ed. Cerf, 1995).

E aqueles que acreditam... pelo catecismo, dificilmente aprofundam o sentido e querem ficar no seguro: "se houver, tudo bem. Por enquanto o importante é viver o dia-a-dia", transformando-se assim nos modernos Saduceus.

1. A morte, que problema!

Claro, a vida **já** nos interessa mais do que a vida **ainda não**. E desse modo colocamos o bem precioso da vida em duas gavetas separadas do nosso imaginário: antes da morte a vida é uma; depois da morte é outra.

Essa Morte... que problema!

As conseqüências são catastróficas. A vida *antes* é um corre-corre danado para ser mais, ter mais, gozar ao máximo dos bens. Não importa se às custas dos outros.

É a preocupação com o próprio eu. E, para defendê-lo, até a chamada Justiça cria e aplica leis de propriedade que não dispensam despejos, violências, justificação de roubos de terra e até arrombamentos com maçarico aos cofres do Banco da Nação... risos e lágrimas.

São os novos Fariseus, observantes da Lei e por isso justos....

Até os Sindicatos, justamente, lutam pelo bem da categoria: pelo salário, claro! Mas muitas vezes é luta pelo Eu Corporativo, sem se interessar pelo conjunto da população que pode ser afetada, pois que "ninguém é ilha": somos um corpo só e se um membro cresce demais, nos tornamos monstros. E os partidos? podemos preterir: a literatura é grande demais!

Há quem pense que a Morte é justa justiceira. Em parte é verdade. O Fulano poderoso torna-se igual ao mais miserável do povo lá debaixo de 7 palmos de terra. Mas há aquela tal lei da herança, que aqui na terra deixa tudo igual. Já muitos opressores morreram, mas não morreu a opressão!

E será que toda essa gente preocupada com seu eu não pensa que irá morrer? Acho que sim: alguns já botam nomes em cidades, pontes, praças...; outros se constroem monumentos; outros escrevem livros, criam impérios econômicos, até fundações beneficentes. Os mais pobrezinhos também, os proletários, ricos só em prole, não podem suportar ficar esquecidos após a morte e botam seu próprio nome nos filhos... é a tal da imortalidade a que todo ser humano aspira... "non omnis moriar", dizia o velho Horácio. Nem a morte resolve...

2. Além da Morte

Imortalidade não é Ressurreição! Esta vai muito além.

E ressurreição não é revitalização de cadáver, como entenderam os intelectuais curiosos de Atenas (leia At 17,22-34) não prestando atenção à expressão de Paulo-Lucas: "*Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos, dando-lhe crédito diante de todos*" (v. 31).

Se Jesus tivesse ficado entre os mortos, toda sua atividade – como os evangelhos a apresentam – não teria passado de boas ações merecedoras de comovido panegírico. Mas Jesus não fez "boas ações": ele inaugurou o Reino! Mostrou na própria vida que o sonho de Deus já é realidade, restaurando a imagem dele em cada pessoa, libertando dos demônios que obstaculizam o Reino, convocando todo ser humano para uma fraternidade sem diferenças e distinções e fazendo de um grupo de discípulos semente de uma comunidade cuja tarefa é estar a serviço da realização do seu programa.

Tudo isso não podia acabar com a morte de Jesus. Deus Pai assinou embaixo toda a vida do seu Filho e disse: Isso deve continuar. Jesus não pode ficar na morte. E *ressuscitou* Jesus, o fez *subir ao céu*, o *glorificou.*

3. Ressurreição: esperança do povo oprimido

A linguagem é muito limitada para poder expressar uma experiência tão forte, que funda uma nova fé.

Até Lucas complica as coisas quando nos Atos coloca entre Ressurreição e Ascensão 40 dias de separação. Ressurreição e Ascensão são as duas faces da mesma moeda. O que muda é a ótica. O que está no centro é a morte. Se olharmos pela horizontal, diremos: Jesus *antes* era vivo, pregava, curava, exorcizava, etc.; *depois* da morte voltou a ser vivo, com um corpo novo, *pneumático:* corpo de glória e corpo da comunidade (ler 1Cor 14,44; Cl 1,24). Se olharmos pela vertical, diremos que Jesus antes da morte estava *embaixo*, no meio das contradições, injustiças, escravidões da

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos

sociedade do seu tempo. Nela tornou-se servo dos excluídos para realizar o projeto de Deus, obediente até a morte e morte de cruz (ler Fl 2,6-10). Depois da morte foi *ex-altado*, glorificado, colocado à direita do Pai; subiu ao céu (em cima!) e todos dobram o joelho diante dele, proclamando-o Senhor.

Se Lucas de um lado complica a história, de outro revela uma importante intenção catequética. Por que 40 dias entre a Ressurreição e Ascensão? Na Bíblia, número é conceito e 40 representa o tempo que um grupo de Hapirus precisou para se libertar da tentação de voltar ao projeto do faraó, para aceitar a nova Aliança no Sinai e tornar-se povo de Deus com a tarefa de realizar para os outros o que ele mesmo tinha recebido. O **Dom** da libertação tornava-se **Dívida** – compromisso para quem estivesse na mesma condição daquele grupo antes da libertação.

Quarenta dias entre a Ressurreição e a Ascensão é a grande "Quaresma de conversão" para fazer de um grupo de medrosos o novo povo da nova Aliança animado pelo mesmo Espírito de Jesus. A nova Comunidade terá sua condição de existir e sua identidade se for *Testemunha da Ressurreição* (leia At 1,21-26) e se sua missão consistir em *Ser testemunha desse Jesus ressuscitado até os confins da terra* (leia At 1,6-8).

Faz-se necessário agora entender essa linguagem da *Ressurreição* para podermos dela ser testemunhas.

Até aqui encontramos algumas balizas no caminho: Ressurreição não é imortalidade; não é revitalização de cadáver, não é mito (apesar de que a linguagem usada possa ser mítica). É glorificação, exaltação, Ascensão. É prêmio-reconhecimento contra aqueles que provocaram a morte: "Aquele que ***vocês*** mataram, ***Deus*** o ressuscitou e ***nós*** somos testemunhas" (ler At 3,13-16).

4. Ressurreição: história de uma fé revolucionária

Todos lembramos que, na época de Jesus, os Saduceus não acreditavam na ressurreição (ler Mc 12,18-27 reparando sobretudo a motivação de que Deus é o Deus da vida!); ao contrário, os Fariseus acreditavam (por isso Paulo tem bom jogo na sua defesa: leia At 23,6-10). Os Saduceus são da classe sacerdotal-sadocita, aquela que na época de Israel colônia grega tanto se corrompeu e assumiu a ideologia helenista e sua práxis dominadora. Grego não acredita na ressurreição porque despreza tudo o que se relaciona ao corpo (ler At 17,22-32). Fariseu é gente boa, que vivia a vida do povo: do trabalho manual até suas lutas de libertação (quantos mártires no meio deles!). Saduceu sustenta o sistema e não quer mudanças; Fariseu vê a injustiça, se opõe, quer libertação, mesmo que o caminho escolhido seja a observância da lei que fatalmente descamba no jugo da lei.

A idéia de ressurreição tem a ver precisamente com os acontecimentos da época da dominação grega dos Selêucidas (200-142 aC). É nesta época que nascem os livros de **Daniel** e **2Macabeus,** cujos autores levam à frente algumas intuições a respeito da

ressurreição que apareceram na época depois do segundo Templo, durante a crise sadocita, e presentes no chamado Apocalipse de Isaías (**Is 24–27**) e sobretudo no **Livro dos Vigilantes** (uma das cinco partes do **Livro de Henoc**). Essa nova teologia se firma sempre mais e aparece bem clara em outras duas obras do final do primeiro século aC: o **Livro das Parábolas** (outro livro que constitui o Pentateuco de Henoc, colocado em época bem recente, como substituição do Livro dos Gigantes) e a **Sabedoria**. Estamos às portas do novo Testamento: a teologia da ressurreição se firma e se constitui como resistência corajosa ao sistema opressor numa espiritualidade de insurreição.

É importante agora pesquisar na história de Israel sobre a concepção que veio se formando a respeito da morte, seja em senso pessoal, como sobretudo em senso coletivo: a injustiça e opressão do povo.

1. Até o séc. IV a morte era encarada como um fato natural, um processo necessário. Todos, sem exceção e sem julgamento, tornavam-se "larvas" ('oboth) e desciam ao Xeol, lugar triste dos mortos, *sombra, sepultura, lugar de perdição, de treva, terra de esquecimento onde até Deus já não se lembra de nós* (Sl 88,6.11-13). O Xeol é *'abbadon:* destruição (Jó 26,6; Pr 15,11...); *dumah*: silêncio (Sl 94,17...).

> *Os que descem o Xeol não esperam mais na fidelidade de Deus* (Is 38,18-19).
> *Oxalá me abrigasse no Xeol! pois se alguém morrer, poderá reviver?* (Jó 14,13-14).

2. É a partir do séc. IV que se começa a considerar a morte como estranha à natureza do homem. Ela é preter-humana e encontra sua origem no pecado de alguns anjos que se uniram a mulheres dando vida aos *Nefillim*, "Gigantes", seres monstruosos que encheram a terra de morte. O ***Livro dos Vigilantes*** e o ***Livro dos Gigantes*** (primeiros dois livros que formam um Pentateuco chamado **Livro de Henoc**) trazem essas notícias e uma conseqüente nova interpretação do pós-morte: as *Almas-Espíritos* (não mais *Larvas)* **são imortais** e recebem no além um julgamento onde são separados os bons dos ruins para destinos opostos.

Essa teologia faz parte do início da *Tradição Apocalíptica* que se difunde rapidamente com aceitação, recusa e reelaboração. Ela é tão nova que logo é contrariada pelo Eclesiastes que se opõe à idéia de imortalidade (Ecl 9,4-6.10) e pelo Sacerdotal que em Gn 6,1-4 em 4 versículos reduz o conteúdo do livro dos Gigantes à categoria de saga etiológica, opondo-se assim à origem preter-humana da morte.

3. No último extrato do Livro dos Vigilantes (IV-III séc.) a reflexão sobre a imortalidade se aprofunda: as almas não são julgadas no além, mas são encaminhadas para o Ocidente, em certos vales onde haverá o grande julgamento *dentro da história*. Só os justos se alimentarão da árvore da vida e viverão longa vida na nova terra regenerada, sem ter mais "mal, aflição e flagelo". No fim, a morte definitiva os espera.

A importância dessa última reflexão é que pela primeira vez temos a idéia de ressurreição num mundo novo, *dentro da história*.

4. O texto canônico mais antigo que fala da ressurreição é o chamado **Apocalipse de Isaías**: os capítulos 24–27 do *Corpus isaianum*. Difícil determinar a data de composição, que deve se encontrar entre o V e o II séc. aC, mas não antes do Eclesiastes.

Nesse texto a Ressurreição é reservada só aos mortos que pertencem a Deus (parece ser os *hebreus*, não tanto os *justos*); aos outros (inimigos dos hebreus) é reservada a morte eterna.

> *"Os teus mortos tornarão a viver,*
> *os teus cadáveres ressurgirão* (qwm, *o verbo que indica a ressurreição).*
> *Despertai e cantai vós os que habitais o pó,*
> *porque o teu orvalho será um orvalho de luz*
> *e a terra dará à luz seus mortos"* (Is 26,19).

Ao contrário:

> ***Os mortos** (dos inimigos) **não reviverão; as sombras não ressurgirão** **por**que tu as visitaste e exterminaste,*
> *tu destruíste **toda a sua memória*** (Is 26,14).

É importante notar a abrangência comunitária do conceito de ressurreição e como ele está ligado à insurreição contra os inimigos.

5. O mesmo conceito é desenvolvido, no séc. II, em **2Mc 7**, pela boca da mãe dos 7 irmãos, em forma ainda mais clara, como restituição do que foi injustamente tirado, por causa da fidelidade de Deus. Contemporâneo é o livro de **Daniel** onde a ressurreição é bem documentada e parece reservada para todos (*um grande número)*, mas com êxitos opostos:

> *E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno.*
> *Os que são esclarecidos resplandecerão como o resplendor do firmamento, e os que ensinam a muitos a justiça hão de ser como as estrelas por toda a eternidade* (Dn 12,2-3).

Notar de novo que este texto está no contexto literário e histórico da resistência do povo contra a perseguição de Antíoco IV.

6. No século seguinte, nos **Salmos de Salomão** o tema da vida após a morte sempre está presente, implicando o conceito de imortalidade e ressurreição, e é um motivo de esperança para o justo perseguido:

> *Aqueles que temem o Senhor se levantarão para a vida eterna e a vida deles estará na luz do Senhor e nunca mais terá fim* (3,12).

> *Quem pratica a justiça guarda para si a vida perto de Deus; mas quem pratica a injustiça ele mesmo é culpado da ruína da sua vida* (13,11).

A Ressurreição é privilégio dos justos. Para os outros a morte é o fim.

Só no **Livro das Parábolas** (do final do I séc.) se esclarece definitivamente o conceito de ressurreição de todos indistintamente, seguida do julgamento com que os justos habitarão alegres a terra purificada do mal:

> *Naqueles dias a terra e os ínferos devolverão o que a eles foi confiado **e o Reino dos mortos restituirá o que deve. O Eleito escolherá entre eles os Santos e os Justos porque se aproximará o dia em que eles se salvarão.***
>
> *O Eleito naquele dia sentará no trono e todos os segredos da Sabedoria sairão de sua boca porque o Senhor dos espíritos lhos deu e o glorificou.*
>
> ***Naqueles dias os montes pularão como cabritos, as colinas saltarão como cordeiros fartos de leite e todos serão anjos do céu. Seu rosto brilhará de alegria porque naqueles dias o Eleito se levantará, a terra se alegrará e os justos morarão sobre ela; os eleitos passearão sobre ela** (IH [LP] 51).*

Na mesma época a **Sabedoria**, escrita em Alexandria, num clima de resistência de minorias dentro da *Polis* grega, traduz em categorias gregas essa doutrina semita que já era tradicional, anunciando a *imortalidade* (Sb 2,23; 3,4) e deixando implícita a ressurreição humana na sua totalidade (3,5 e 16,13; 19,6-21).

5. Deus é Deus da vida e não da morte

Assim aparecem claras algumas constantes ligadas ao conceito de ressurreição:

1. A exigência de transformação histórico-política vivamente sentida numa época de grande corrupção no sagrado e de dominação política e cultural estrangeira.

2. A abrangência comunitária da reflexão que – também no Eu pessoal – sempre visa ao Eu coletivo: o povo, a ressurreição do povo.

3. A releitura constante da História e da Fé do povo de Israel, inspiradora, atualizadora e justificadora da nova fé e das lutas que por ela se assumem.

Nesse sentido, significativo é **Os 6,1-6,** por exemplo, que, mesmo escrito no longínquo séc. VIII, expressava a morte do povo na sua vontade de ter vida assumindo o culto baalístico da fecundidade. O profeta faz compreender que para ter vida o povo deve *voltar* a Deus:

> *Javé feriu, ele nos ligará a ferida.*
> *Depois de dois dias ele nos fará reviver,*
> *no terceiro dia nos levantará* (verbo *qwm!*).

Este texto é relido no séc. II e nos LXX assume a formulação: *ele nos ressuscitará.* Os evangelistas também o usarão para expressar a ressurreição de Jesus.

Igualmente em **Ez 37**, a situação do povo no exílio da Babilônia (séc. VI aC) é sem vida (Ez 33,10); mas a visão de Ezequiel dá nova esperança: Deus vai ressuscitar esse povo por meio do seu Espírito (Ez 37). Este texto é relido por Jl 3,1-5 e por Pedro em At 2,17-21 para falar do espírito de Jesus ressuscitado que dá vida a uma comunidade fechada e sem esperança.

Deus está comprometido a salvar, "ressuscitar" o seu povo.

Contra a fé dos egípcios na vida além da morte, muito antiga, personalista e alienante da história, Israel opõe só nos últimos séculos do AT a fé na **Ressurreição do povo**, baseada sobre a fidelidade de Deus à Aliança e à Promessa de Vida feita a Abraão, que se realiza dentro da história.

É essa esperança que, em tempo de crise, se renova, se consolida, se aprofunda, dentro da grande tradição apocalíptica. É nesta luz que Israel descobre também a **Ressurreição pessoal** que só deve ser interpretada dentro de uma esperança mais vasta, aquela da renovação do mundo inteiro (veja Ap 21,1-5).

6. A Ressurreição de Jesus

As mesmas pessoas que fizeram essa releitura dos textos sagrados para entender o momento presente da própria história, continuaram-na para entender a vida, a missão, a morte e a vida além da morte do próprio Mestre Jesus de Nazaré.

Através dos escritos que eles nos deixaram, procuramos entender a essência da mensagem, convidando quem precisar de maiores esclarecimentos a ler o ótimo caderno bíblico n. 17 das Edições Paulinas: *Charpentier Etienne, Cristo Ressuscitou, 1984* (ed. francesa original 1973).

Alguns pontos introdutórios:

1. Nunca se diz que Jesus foi visto no momento em que ressuscitou.

2. Os discípulos *viram* Jesus ressuscitado e o *reconheceram só depois de muita dificuldade.*

3. A Ressurreição só é perceptível na fé. Jesus se faz ver *quando* ele desejar e *a quem* ele desejar. É experiência real, mas interior, "única no seu gênero, na qual Jesus se impôs à fé dos seus discípulos, como vivo, vivendo de uma vida nova além da morte" (Charpentier, *o. c.*, p. 48).

Para *expressar* essa experiência única, os discípulos se valeram de ***gêneros literários*** comuns nas releituras: o Epifânico ou Teofânico (para manifestar a presença de Deus: Deus está aí!); o Apocalíptico (que envolve os elementos cósmicos: estrelas, sol, lua, terra que se abre, mortos que ressuscitam...); os Relatos ("narrativização de idéias": em lugar de expor uma idéia em forma abstrata, forja-se uma estória, para melhor transmitir aquela idéia).

As *formas literárias* com que essa experiência foi comunicada foram várias como: ***Querigma*** (o grito de fé dos apóstolos aos não crentes):

> *"Deus ressuscitou/glorificou*
> *e fez Senhor*
> *aquele Jesus que vocês crucificaram".*

Os ***Credos*** (1Cor 15,3-4, na sua forma mais primitiva):
"Cristo morreu, segundo as escrituras;
foi sepultado;
ressuscitou ao terceiro dia segundo as escrituras".

Retomando Os 6,2, a expressão "ao terceiro dia" é um dado teológico, não cronológico. Os evangelistas querem dizer: o dia da ressurreição geral do povo (o final dos tempos) chegou com a ressurreição de Jesus (nesse sentido ler Mt 27,52-53): ele começa a dar vida à nossa esperança.

As ***Aparições***: fazem parte do gênero literário das teofanias, onde se insiste mais sobre a missão confiada e menos sobre o que pode ser "visto". Querem dizer que o "invisível" se faz perceptível. Que o Espírito dele agora está na sua comunidade que, por isso, é chamada a construir a mesma esperança: *Ele vos precede na Galiléia: lá o vereis!* (Mc 16,7). Galiléia em Marcos é todo o ministério de Jesus resumido nos três elementos: Ensino com autoridade, Cura, Exorcismo. É o reino acontecendo na força do Espírito (Lc 4,14-21).

Leonardo Boff no livro *Jesus Cristo Libertador,* Vozes 1980 (p. 134-152), sintetiza em alguns pontos o sentido teológico da ressurreição de Jesus:

1. A Ressurreição reabilitou Jesus diante do mundo. Ele não foi abandonado. A fuga dos seus discípulos torna-se uma con-versão, uma volta ao verdadeiro rosto de Jesus e ao seu projeto (não Messias libertador nacionalista, mas Filho de Deus, glorificado por ele, na sua pessoa e na sua missão).

2. Com a ressurreição de Jesus as esperanças colocadas para os últimos tempos entram na história. Já começou o "fim do mundo" (ler Mt 28,1-15 reparando o gênero literário apocalíptico que ele usa). O mundo-comunidade já está ressuscitando com Jesus porque o mesmo Espírito pelo qual Jesus ressuscitou mora já nos fiéis e vai formando em todos um corpo de glória.

3. Por trás de toda a vida de Jesus e da sua morte está um plano escondido ("segundo as Escrituras") que faz de toda a parábola humana de Jesus uma perfeita obediência ao Pai para o serviço fiel até à morte em favor da humanidade.

7. Procuram-se Testemunhas da ressurreição

As esperanças, os sonhos, as utopias nascem e crescem no coração da gente porque anseios, sofrimentos e frustrações não podem ser a última palavra.

A Ressurreição de Jesus *ao terceiro dia* é o início da realização do sonho, da utopia que se torna fato concreto, histórico. É o Reino que já chegou e está no meio de nós e que ainda não é completo.

Por isso *procuram-se testemunhas da Ressurreição*! Gente animada pela mesma força do Espírito que animou Jesus (At 1,8.22).

Nasce a Comunidade dos Discípulos do Ressuscitado com a tarefa de continuar a realizar a ressurreição do mundo.

Na ressurreição de Jesus temos uma amostra grátis do que é a promessa de Deus para o fim dos tempos. Agora já estamos no fim dos tempos; a promessa já começou a se realizar.

Dois são os alcances dessa promessa:

1. Pessoal:

> *Deus que é rico em misericórdia*
> *pelo grande amor com que nos amou*
> *quando estávamos mortos em nossos delitos*
> ***nos vivificou** juntamente com Cristo*
> *– pela graça fostes salvos! –*
> *e com ele **nos ressuscitou***
> *e **nos fez assentar** nos céus em Cristo Jesus* (Ef 2,4-7).

Notar os verbos no passado que expressam a escatologia já realizada da vida, da graça e da dignidade humana. São estes os campos de atuação das testemunhas da ressurreição para devolver esperança a quem vive no pessimismo existencial.

2. Coletivo:

> *Javé dos exércitos prepara para todos os povos sobre esta montanha*
> *um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos,*
> *de carnes suculentas, de vinhos depurados.*
> *Destruiu neste monte o véu que envolvia todos os povos*
> *e a cortina que se estendia sobre todas as nações;*
> *destruiu a morte para sempre.*
> *O Senhor Javé enxugou a lágrima de todos os rostos*
> *e há de remover de toda a terra o opróbrio do seu povo*
> *porque Javé o disse.*
> *Nesse dia se dirá: Vede, este é o nosso Deus:*
> *nele esperávamos, certos de que nos salvaria;*
> *este é Javé em quem esperávamos.*
> *Exultemos, alegremo-nos em sua salvação* (Is 25,6-9).

É possível, faz parte do projeto de Deus, já está em realização esse grande *Shalôm* da esperança escatológica de justiça, de socialização da Humanidade, de paz em toda a criação.

Os cristãos são as testemunhas de uma promessa que faz surgir o novo na História, que lhe proporciona um futuro possível.

São os discípulos, na fé e nas obras, do Mestre que sempre se insurgiu contra tudo o que deixava o povo em situação de menos-vida. Contra os que, "abandonando o mandamento de Deus e apegando-se à Tradição dos homens", em vão prestam culto a Deus (ler Mc 7,7-9).

Verdadeiro culto a Deus, então, é a vida do povo. É realizar o sonho de Deus: "que todos tenham vida". É para isso que Deus nos escolheu, nos predestinou, nos chamou, e nos enviou a continuar a realização do seu sonho: um mundo como aquele saído do seu "Verbo", feito de harmonia com Ele, entre nós e com a Natureza.

Procuram-se testemunhas da ressurreição.

Bibliografia

Paolo SACCHI, *Storia del secondo Tempio*, SEI – Torino.

Apocrifi dell'Antico Testamento, a cura di Paolo Sacchi, vol. II, ed. TEA – Milano.

Caetano TILLESSE, Teologia narrativa da Bíblia, vol. II – em *Revista Bíblica Brasileira*, 14 (1997) 1-2-3 – Fortaleza.

A. Flora ANDERSON – Gilberto GORGULHO, *A Ressurreição é libertação*, 1996 – uso manuscrito.

Etienne CHARPENTIER, Cristo ressuscitou, *Cadernos bíblicos 17* – Ed. Paulinas, 1984.

Leonardo BOFF, *Jesus Cristo Libertador*, Vozes, 1980.

Carlo Roberti
Rua Santa Maria Gorete, 2607
64017-730 Teresina, PI
CPF 167 526 942-49